



Cyréne

Os povos, no seu caminhar para a civilização, assemelham-se à vaga do oceano enfurecido, que rugem em ocasião de tempestade até se elevar a uma altura, donde ameaça engulir a terra, para em seguida depor, plangorosa, na base do rochedo, um rasto de espuma, que, prestes, desaparece.

Compulsemos a historia dos tempos passados. Sejamos presentes ao assombroso espectáculo que nos offerece o grande theatro da humanidade.

Ao consultarmos essa grande mestra da vida, lição eterna dos povos, conselheiro incorruptível dos reis, vemos desfilar ante nós, homens, legislações e imperios edificados uns sobre as ruínas dos outros, não tendo conseguido todos um apogeo de gloria, senão para velozmente o sepultarem sob os restos da propria destruição. O povo que hontem era grande, poderoso e livre, eis-o hoje arrastando-se, pequeno, abatido, escravo, pela estrada do esquecimento. A vasta capital do florescente imperio, cidade rica, opulenta, succede uma pobre aldeia, um deserto, um lugubre esqueleto. Templos, palacios, ruas, praças, campos ferteis, rebanhos numerosos, movimento, vida, tudo isso vae desaparecendo, como por encanto, dando lugar a um montão de ruínas, á esterilidade, ao silencio dos tumulos. Vêde o Assyrio, sobre as margens do Tigre, expulsando o Arabe, então o senhor do paiz, submettendo ao seu poder, quasi todos os povos da Asia septentrional, até a

Bactriana, fundando por toda a parte cidades soberbas, construindo edificios admiraveis, dando á architectura e á esculptura todo o realce e belleza; attentae no Persa, já possuidor de quasi todo o terreno comprehendido entre o Indus e o Mediterraneo, conquistando o Egypto e a Asia Menor, cobrando tributo de cem nações, elevando monumentos de prosperidade e luxo em todos os seus dominios; olhae para o Chaldeo, entre o Euphrates e o golpho persico, combatendo denodadamente para solidificar a sua independencia, alargando o campo dos seus conhecimentos astronomicos e mathematicos, e cultivando a astrologia, sciencia que, apesar de frivola, contribuiu muito para os progressos da astronomia; vêde tambem o Phenicio, entre o Anti-Libano e o mar, o mais celebre navegador da antiguidade e a quem a arte de construcção naval deve tão importantes descobertas; vêde-o em suas embarcações sulcando affouto os mares, explorando a costa occidental da Africa, estabelecendo por toda a parte colonias e assim abrindo um vasto campo á industria commercial; vêde, emfim, o Egyptio, entre a Nubia e o Mediterraneo, aperfeiçãoando as sciencias phisicas e mathematicas, profundando a astrologia e a alchimia, produzindo grande numero de obras de estatuaria, e executando outras collossaes e perduraveis, como pyramides, templos, obeliscos, que ainda hoje se admiram em Luqсор, Thebas, e Karnak. Que povos tão energicos! que vas-

tos dominios! que imperios tão poderosos, e que civilizações tão brilhantes! Mas o que resta de tanta grandeza, de todas essas admiráveis criações da mão do homem? Apenas um leve vestígio semelhante ao que o pé do caminhante deixa no pó da estrada!

A analogia que estabelecemos entre os povos e a vaga, torna-se ainda mais surpreendente, se considerarmos a que, no meio do oceano nasce, cresce e morre, para fornecer elementos ao nascimento de outra, que será grande como ella, e como ella ha de morrer. Assim, a civilização mais esplendida limita-se a uma segunda edição, nem sempre mais correcta, daquella que a precedeu.

O viajante sentado sobre as pedras dispersas de uma construção gigantesca, é muitas vezes injusto na apreciação dessas épocas remotas gravadas sobre o marmore que pisa. O que hoje se lhe apresenta decadente, foi grande, magestoso; essa pedra deteriorada, que elle agora contempla, foi apenas um átomo entre myriades de outras, testemunhas, todas ellas, de uma civilização cheia de recursos e de poder. Uma semelhante injustiça commette a miúdo o habitante das modernas cidades, que se julga exclusivo possuidor da civilização que o rodeia, attribue a si o que lhe foi suggerido por outros, e julga produzir quando repete. O archeologo, porem, remontando-se a essas eras passadas, e supprindo com o auxilio de uma intelligencia esclarecida, a ausencia das provas presenciaes, deve, reduzindo tudo ás suas justas proporções, vingar a antiguidade do ultrage mesquinho do ignaro observador.

Quem hoje buscar Ninive, Babylonia, Persepolis, Ecbatna, Balbek e tantas outras que as injurias do tempo ou a mão do homem tem cruelmente assolado, ficará, certo, surpreendido de não achar em seu lugar senão restos informes de magnificencia, civilização e grandeza que essas cidades attingiram. O mesmo acontece ao visitante de Cyrene. Ao entrar na pobre e pequena aldeia de Krennah, ninguem se sentirá disposto a julgar-a successora de uma grande cidade florescente em commercio extenso e em todas as sciencias e artes; tudo ali respira miseria, desolação, e os campos que a rodeiam, outrora tão férteis, tão louções, hoje, por assim dizer, não são mais que um deserto, onde o viajante, a custo, encontra um abrigo contra os abrasadores raios do sol africano. As ruínas, porem, que apresenta, restos ainda da antiga Cyrene, são bellas e attestam a riqueza e opulencia dos seus habitantes.

«As grutas sepulcraes cavadas na montanha são, mais ou menos, ornadas de obras de architectura e mesmo de pinturas: uma destas representa as occupações de um negro escravo e a maneira de vestir dos antigos Africanos; os vestidos compridos sem alamares, que usavam as mulheres, os chales vermelhos enrolados na cabeça, assemelham-se muito ao costume moderno dos barbarescos. Encontram-se nos tumulos urnas e vasos pintados, ornamentos de ouro e de prata, como tambem muitos camafus. O typo europeu domina

constantemente nas figuras; quanto á architectura, parece que o estylo grego repousa sobre as bases egypcias, excepto na antiga Ptolemaida, onde o estylo colossal egypcio é mais geralmente empregado e mais perfeito. Em Krennah, acha-se um grande numero de inscrições no meio das oliveiras, das tamareiras, dos loendros, das vinhas, e mostra-se ainda os restos de um stadio, o sitio do hippodromo e do mercado cantado por Pindaro, uma grande cisterna, banhos, templos, e no meio destas ruínas, a fonte limpida, que deu o seu nome á cidade.»

Cyrene, era a capital dessa vasta região da Africa chamada a Cyrenaica, situada a O do Egypto, e que corria ao longo do Mediterraneo desde a grande Syrte até o cabo Phycus. Foi fundada sete séculos antes de Christo por uma colonia á qual uma grande secca obrigara a emigrar da ilha de Thera, e tomou o nome da nympha amada de Apollo, que fugindo á perseguição do deus, se refugiara naquella parte da Africa. «O commercio, a agricultura, as bellas raças de cavallos, fizeram esta cidade celebre, e o luxo subio a tal ponto, que os antigos não cessam de gabar os perfumes exhalados dos seus jardins, a essencia das suas rosas e das suas gomas aromaticas; tambem cultivava o pyrethro, muitissimo procurado no commercio. Cyrene foi governada por monarchas até a época em que Démonax de Martinéo chamou o povo a tomar parte nos negocios publicos. Dahi as guerras civis, de que os Persas se aproveitaram para submeter as cidades visinhas; mas Cyrene resistio-lhes. Quando pediu leis a Platão, este não lhas quiz dar, julgando-a muito corrompida; tambem servio de refugio aos Messenios, a quem Sparta não deixava um momento tranquillios. Desde então, Cyrene ficou completamente estranha aos interesses da Grecia. Sustentou muitas guerras contra os Libyos e Carthaginezes; depois caio sob a tyrannia de Ariston, de que conseguiu, enfim, libertar-se, e conservou a liberdade mais tempo do que a Hellade, porque a Pentapole não foi reunida ao Egypto senão no tempo de Ptoleméo Soter.»

Cyrene foi o berço de alguns homens celebres, entre os quaes citaremos o philosopho Aristippo, pae do systema chamado *hedonismo*, o poeta Callimaco, e o geometra Eratosthenes.

F. A. D'ALMEIDA.

AS CORTES PORTUGUEZAS ANTIGAS

Rapida noticia da sua natureza e constituição; e apontamentos de alguns pedidos dos povos

(Continuado de pag. 46)

IV

Parece-me que á curiosidade dos leitores interessará saber quaes foram *as cidades e villas de Portugal, onde se reuniram as côrtes antigas* (1211 a 1698). Eis-aqui essa indicação, por ordem alphetica.

Almeirim; Arronches; Atouguia; Braga; Coimbra; Elvas; Estremoz; Evora; Guarda; Guima-

rães ; Leiria ; Lisboa ; Montemor o Novo ; Porto ; Santarem ; Thomar ; Torres Novas ; Torres Vedras ; Vizeu.

Destas povoações, aquellas em que maior numero de vezes se reuniram as Côrtes antigas, foram, por esta ordem, as seguintes : Lisboa, Coimbra, Santarem, Évora.

— Tambem me parece curioso apresentar uma indicação da *precedencia dos Procuradores* das Cidades e villas que tinham assento em Côrtes, na ordem dos Bancos :

- 1.º Porto, Évora, Lisboa, Coimbra, Santarem, Elvas.
- 2.º Tavira, Guarda, Vizeu, Braga, Lamego, Silves.
- 3.º Lagos, Faro, Leiria, Béja, Guimarães, Estremoz, Olivença.
- 4.º Portalegre, Bragança, Thomar, Montemor o Novo, Covilhã, Setubal, Miranda.
- 5.º Ponte de Lima, Vianna, Foz de Lima, Villa Real, Moura, Montemor o velho.
- 6.º Cintra, Torres Novas, Alemquer, Obidos, Alcacer, Almada.
- 7.º Niza, Torres Vedras, Castello Branco, Aveiro.
- 8.º Mourão, Serpa, Villa do Conde, Trancoso.
- 9.º Aviz, Arronches, Pinhel, Abrantes, Loulé.
- 10.º Alter do Chão, Freixo de Espada à Cinta, Valença, Monção, Alegrete.
- 11.º Castello Rodrigo, Castello de Vide, Penamacôr, Marvão, Certã.
- 12.º Crato, Fronteira, Monforte, Veiros, Campo Maior.
- 13.º Caminha, Torre de Moncorvo, Castro Marim, Palmella, Cabeço de Vide.
- 14.º Barcellos, Corúche, Monsanto, Gravão, Panoias, Ourém.
- 15.º Arraiolos, Ourique, Albufeira, Borba, Portel.
- 16.º Atouguia, Monsaraz, Villa Viçosa, Penela, Santiago do Cacem.
- 17.º Vianna junto de Évora, Villa Nova da Cerveira, Porto de Moz, Pombal.
- 18.º Alvito, Mértola.

— Haverá exemplo de algumas Camaras pedirem a honra de ter assento em Côrtes?

Sim, ha ; e vamos apresentar um exemplo.

Os officiaes da Camara da villa de Castello Novo e Alpedrinha, pediram, no principio do anno de 1641, lhes fizesse o Soberano a mercê de lhes dar lugar em Côrtes para os tempos futuros.

As allegações dos officiaes da Camara merecem ser apontadas. — Diziam que esta mercê não tinha contra si obstaculo algum, nem por effeito della soffria a Fazenda o menor prejuizo. Allegavam que aquella villa, depois de se unir com o lugar de Alpedrinha, e ter Juiz de Fôra, ficára sendo uma villa das boas do reino, e com grande territorio. Por descuido de seus habitantes succedia o não ter lugar em Côrtes, quando aliás outras villas, de menor importancia, gosavam dessa prerogativa. Que aquella villa era uma das mais anti-

gas do reino, do tempo dos Templarios ; fôra sempre leal, e bem o mostrára na acclamação do senhor D. João iv, e no soccorro que depois disso dera ás villas de Segura e Salvaterra do Estremo, quando souberam que pretendiam os Castelhanos passar a raia.

O Soberano mandou ouvir sobre esta pretensão os Deputados do Estado dos povos : informaram estes favoravelmente, sem exemplo para outras villas que pedissem a mesma mercê. — O Soberano, porém, indeferiu a pretensão, nos seguintes termos : — « Não convém por ora accrescentar o numero dos lugares que tem assento em Côrtes, e dar-vos o que pedis, por não fazer exemplo com razão de aggravo a outras villas, que tem a mesma pretensão. »

Terminámos o parographo antecedente pela menção do exemplo de uma Camara, que pediu ao Soberano a mercê de lhe dar lugar e voto em Côrtes, na pessoa dos Procuradores que os respectivos povos nomeassem.

Vou agora apresentar um exemplo notavel da concessão de uma tal mercê, feita a uma cidade, em remuneração de serviços.

No anno de 1642 fez o senhor D. João iv mercê á cidade de Angra, da Ilha Terceira, de lhe dar lugar e voto em Côrtes, — pela lealdade e valor com que se houve no cerco e tomada do Castello da mesma cidade aos Castelhanos.

A cidade de Angra teve assento no ultimo lugar do 2.º Banco, que era da cidade de Elvas, a qual subiu ao ultimo do 1.º Banco.

N. B. De passagem, e como esclarecimento historico, direi que o cerco do Castello de Angra (chamado de *S. Filippe* no tempo da occupação castelhana, e de *S. João Baptista* depois da acclamação do senhor D. João iv) durou onze mezes e onze dias ; pois que os Castelhanos se fecharam no Castello no dia 27 de março de 1641, e saíram — por capitulação — em 6 de março de 1642. Durou a occupação castelhana da Ilha Terceira 58 annos, 7 mezes e 11 dias. Foi tomada a Ilha pelo Marquez de Santa Cruz, D. Alvaro de Bassan ; e perdida foi para os Castelhanos por D. Alvaro de Viveiros, com o qual se fez a capitulação da entrega do Castello.

Os povos, em quem o sentimento religioso impéra fortemente, tomam nota de coincidencias que a philosophia pôde considerar como fortuitas, ao passo que as crenças, mais ou menos supersticiosas, encáram essas coincidencias quasi como providencias ou milagrosas. — Não escapou a um escriptor piedoso registrar a coincidencia dos dois *Alvaros*, e outra ainda mais significativa : D. Alvaro de Bassan apoderára-se da Ilha no dia de *Sant'Anna* ; e o Castello rendeu-se no dia em que no porto de Angra entrou a caravela — *Sant'Anna*. — « Com isto parece quiz mostrar a Santa : que se em seu dia se perdera a Ilha era ella mesma quem agora a tornava a restituir. »

O Procurador eleito pela camara para representar em Côrtes a cidade de Angra, foi o fidalgo Francisco de Bettencor Correa e Avila ; ao qua

foi arbitrado o subsidio de 1\$000 réis por dia, em todo o tempo que se demorou na Córte. (1)

Peco perdão de me haver demorado tanto neste incidente. Prendem-me á Ilha Terceira tantos vinculos, que nem sempre posso resistir á tentação de occupar-me do que lhe diz respeito.

— Era costume durarem as còrtes sómente um mez; mas quando a affluencia dos negocios o exigia, — pediam, por meio de consulta, a prorogação, que, de ordinario, era concedida por mais outro mez. Succedia que tambem o proprio soberano prorogava os podêres dos Procuradores, como se vê da Carta Regia de 22 de maio de 1649, onde se lê a seguinte cláusula: «advertindo-lhes, que as procurações, que tem feitas, hão de ficar em seu vigor, para os Procuradores voltarem com ellas, e se tomarem resolução em se haverem de continuar as Còrtes.»

— Tomarei nota de uma especialidade das Còrtes celebradas em 1653; e vem a ser, que foi mandado dissolver o estado ecclesiastico, ou Braco do Clero, — continuando as conferencias no dos Povos.

— No que respeita ao encerramento das Còrtes, ha um só exemplo de assistencia pessoal do Soberano a este acto; e vem a ser, ao das Còrtes de Santarem, que El-Rei D. Affonso IV convocou em 1334. «No ultimo congresso, diz-se na 7.ª Parte da *Mon. Lusit.*, assistiu El-Rei; e depois de agradecer, e louvar o zelo e a providencia, com que em todos os particulares se tinha procedido, co-roou o acto com as seguintes palavras, etc.»

— Fôra longo enumerar algumas especialidades, taes como: sobre o modo porque se discutiam os assumptos em cada uma das ordens; sobre o modo por que estas se communicavam umas com as outras, e com o Soberano, e este com aquellas; etc. etc.

Em todo o caso, cumpre ponderar que não ha verdadeiros elementos para assentar estylos uniformes; antes, das poucas noticias existentes se pôde deprehender que em cada occasião se adoptava diverso methodo.

E agora vem a proposito dizer, que não terá escapado á penetração dos leitores o descuido que houve de fazer, como fôra natural e de boa rasão, regulamentos geraes e especiaes que a celebração das Còrtes, e os diversos actos e serviço do governo representativo daquelles tempos demandavam.

Nada estava definitivamente regulado, nem a respeito da convocação dos Estados, nem a respeito da eleição dos Procuradores, da Sessão Real de abertura, da verificação dos podêres, da discussão das matérias, da dissolução, da prorogação, do encerramento, da fórmula de promulgação das resoluções approvadas pelo Soberano.

Mas a nossa estranheza deve modificar-se um tanto, desde que considerarmos que as Còrtes não se reuniam periodica e regularmente, e que só na occasião de graves apuros, dê circumstan-

cias criticas — de fazenda ou de politica — se lembravam os soberanos de as convocar.

Notêmos as alternativas, que neste particular houve, com referencia aos diversos reinados. — É curioso vêr em quaes reinados houve Còrtes, — e quaes aquelles em que não se recorreu a um tal meio de governação.

No tempo do conde D. Henrique houve Còrtes em Guimarães (1096), ás quaes se afirma ter assistido S. Giraldo, arcebispo de Braga. — Estas Còrtes são consideradas por Brandão apenas como provaveis.

Seguir-se-hiam em ordem chronologica as Còrtes de Lamego (1143); mas a critica impugna a authenticidade do documento, em que pretendeu firmar-se a existencia daquella assembléa!

Houve Còrtes em Coimbra (1211) no reinado de D. Affonso II; e tambem na mesma cidade em 1228.

No reinado de D. Affonso III houve Còrtes em Leiria no anno de 1254; e são estas Còrtes grandemente memoraveis, por têrem sido as primeiras em que intervieram os Procuradores dos Concelhos. — E a este respeito, não posso resistir á tentação de reproduzir aqui as eloquentes e nobres expressões do sr. A. Herculano, que encontro na sua *Hist. de Port.*: — «... o facto é que antes de 1254 os procuradores dos Concelhos não intervieram nas assembléas politicas da monarchia. Das Còrtes, porém, deste anno data o chamamento dos delegados municipaes aos parlamentos. *O povo, constituido e vigorizado lentamente, vê emfim assentarem-se os seus representantes no conselho dos reis, e a voz do homem de trabalho pôde patentear solemnemente os seus agravos e invocar os seus direitos contra as classes privilegiadas.*»

Tambem no reinado de D. Affonso III, houve Còrtes em Santarem, no anno 1263.

No reinado de D. Diniz houve Còrtes: na Guarda; em Lisboa (1285, 1289, 1323); em Guimarães (1308).

No reinado de D. Affonso IV.: Evora, 1325; Santarem, 1331, 1334, 1340; Coimbra, 1335; Lisboa, 1352.

No reinado de D. Pedro I: Evora, 1361.

No reinado de D. Fernando I: Coimbra; Lisboa, 1372; Porto, 1373; Leiria, 1373; Atouguia, 1376.

Os reinados de D. João I, D. Duarte, e D. Affonso V, são o periodo mais brilhante das antigas Còrtes Portuguezas. — D. João I, convocou Còrtes 22 vezes; D. Duarte, 4; D. Affonso V, 23,

Desde D. João II, caíram progressivamente em desuso as Còrtes. — No longo reinado de D. Manuel (1495 a 1521) fôram convocadas 4 vezes; no tambem longo reinado de D. João III, (1521 a 1557) tres.

Desde D. João III, observa Coelho da Rocha, «os negocios publicos fôram dirigidos pelas intrigas dos Cortezãos e pelos Jesuitas, á sombra do poder de monarchas absolutos, e de pouco talento: cuja consequencia foi a ultima ruina de Portugal.»

(1) Vêja — *Historia de Portugal restaurado*; — e os *Annals da Ilha Terceira por Francisco Ferreira Drummond*... Publicados pela Camara municipal de Angra do Heroismo, tomo 2.º 1856.

No reinado de D. Sebastião (1557 a 1578) uma só vez são convocadas as Córtes (1562 a 1563); no do Cardeal Rei, duas (1579 a 1580); no longo reinado dos Filippes (1580 a 1640) foram convocadas as Córtes tres vezes (1581, 1583, 1616).

El-Rei D. João IV (1640 a 1646) convocou quatro vezes as Córtes: 1.º no anno de 1641; 2.º 1642; 3.º 1645 a 1646; 4.º 1653 a 1654.

No que respeita a El-Rei D. Affonso VI e a El-Rei D. Pedro II, cumpre bem fixar as épocas. O periodo que decorre desde a sua exaltação ao throno até a sua deposição, comprehende-se entre os annos de 1656 e 1667. O periodo da regencia de seu irmão, o senhor D. Pedro, abrange os an-

nos de 1667 a 1683; o reinado do senhor D. Pedro II, abrange os annos de 1683 a 1706. — De 1656 a 1667 não houve Córtes; houve-as em 1668, 1674, 1677, 1679 a 1680, e 1687 a 1698. *Estas foram as ultimas Córtes portuguezas antigas.* — Devo observar que afóra as Córtes, a que me refiro na antecedente resenha, outras ha que são consideradas duvidosas; e essas são indicadas por João Pedro Ribeiro no fim das *Memorias sobre as fontes do Codigo Filippino*.

— No artigo immediato fallarei de uma especie muito curiosa. — *a dissolução de Córtes*, nos fins do seculo XVII.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.



Um quadro de Stilke

UM QUADRO DE STILKE

A escola de pintura alemã, apesar de haver cortado suas relações com a escola byzantina, da qual deriva immediatamente, para se entregar ao estudo da natureza, apresenta, comtudo, um grande numero de quadros, em que se revela o mais elevado ideal. O, que se acha reproduzido na gravura que hoje offerecemos aos nossos leitores, e que é uma das melhores produções do celebre Stilke, confirma a nossa humilde opinião. Representa elle uma dessas muitas scenas horriveis que tiveram lugar nos vastos desertos da Asia menor, quando os homens, como sempre, uns levados pela sede do ouro, outros pela sua crassa ignorancia, corriam de todas as partes do mundo christão á Palestina, para arrancarem, das mãos dos infieis o sepulchro do Redemptor. Um cruzado ainda cheio de vida, um ancião, uma donzella e um escravo vão succumbir no meio dessas areias abrasadoras, pela fadiga e pela sede; os seus cavallo jazem na planicie e um delles ainda se avista estendido a curta distancia. Na figura e na posição do escravo, a quem falleceu a energia moral primeiro que aos outros, não se vê mais que a expressão do soffrimento. O ancião, todo entregue á sua dor, mostra-se insensivel a tudo quanto o rodeia, mesmo ás palavras de consolação com que intenta animar-o o guerreiro, cujos olhos, parece, procuram avistar donde lhe venha algum soccorro. A donzella abraçada pelo ancião, olha resignada para o céu, e parece implorar a graça divina. Que verdade! Que expressão em todas as physionomias!

F. A. D'ALMEIDA.

A GALATÉA MODERNA

(Vid. pag. 74)

XVIII

De como as situações se não aclaram

Alfredo apresentou-se alegre, prazenteiro, affavel, como quem jantou opiparamente e está em excellente via de digestão. O rosto, outr'ora pallido e magro, mais cheio e refeito, tornara-se mais trigueiro e denotava boa saude e carencia de cuidados. Não era um poeta byronesco, um Manfredo ou um Antony, uma dessas aparições desgrednadas, que á força de sentimento, volcanisam o proprio coração, e apparecem aos olhos do vulgo como espectros da fome. Aparições terriveis e sombrias, vultos perpetuamente envoltos nas sombras do desespero, Jeremias do amor, que andam a regar com o pranto as flores do sepulchro, poetas com ares de carranca de chafariz, quando abrem a boca para recitar uma elegia plangente, parece quererem aspirar os miseros ouvintes. E tudo isto, por causa de uma Beatriz, que a morte levou nas azas negras, ou que amor enfeitiçou a ponto de esquecer ternos laços. Vão desapparecendo essa variedade dos Edgards, se bem que as Lucias cresçam em numero de uma maneira pasmosa.

Alfredo, porem, evitou o escolho e tal foi a naturalidade e a franqueza do porte, com que com-

primimentou a prima, que não havia observador malevolo e perspicaz, que encontrasse um laivo sequer de antigas recordações.

— Sabem v. ex.^{as} que já tinha saudades desta beatifica Lisboa?

— Não admira, respondeu Violante. Tambem me aconteceu isso, durante as minhas viagens.

— Pois se ella é beatifica! tornou a baroneza.

— Cabia agora aqui um dithyrambo sobre as delicias de Lisboa, e o prazer de pisar o solo da patria

— E eu, acudio Violante, opponho-me á lembrança, porque devo dizer ao primo, que meu pae, espera-o no Miabo, aonde está vivendo, entregue ás suas caçadas, em companhia do visconde. Ainda hontem me escreveu, perguntando-me pelo foragido.

— Como se v. ex.^a pudesse saber da minha existencia!

— Ou outra qualquer pessoa, respondeu a baroneza. Toda a gente perguntava por um cavalleiro errante, que fugira de Lisboa, sem dizer para onde ia, nem o tempo que se demorava, e ninguem respondia ao certo.

— Até ouvi dizer que o primo se fizera missionario no Cathay.

— Ou em terras de Preste-João.

— Pois estive na Suissa, e andei caçando cabritos montanhezes. Já vêem que corri tantos perigos como os bemaventurados missionarios.

— E não se apaixonou por alguma montanheza, rosto nedio e rubicundo, alvos dentes e pés immensos?

— Ha tanto frio naquellas regiões, prima, que cheguei a julgar-me apaixonado, e enganei-me.

— Mas esteve, com effeito, dois annos nas montanhas da Suissa, sem medo de se constipar? tornou Violante, rindo.

— Se assim foi tem uns pulmões robustos.

— A poesia da phisica não me namora; mas, força é dizel-o, as minhas caçadas apenas duraram... dois dias.

— E logo se apaixonou!

— Saudades da patria obrigavam-me a buscar consolações.

— E o resto do tempo?

— Andei na Italia atraz de borboletas, desde a Lombardia até a Sicilia.

— E não apanhou nenhuma?

— Quando ia alcançal-a, caio no Vesuvio.

— Mas sempre é muito desgraçado!

— É um martyr.

— Não, não, minhas senhoras; sou um apostolo feliz.

— Porque? perguntou Violante.

— É facil de ver. Na Italia segui uma dessas borboletas, ou antes, andou ella a roçar as azas candidas no meu rosto. Estylo figurado, entende-se. Era no inverno. Perto do fogão, no intimo conversar da familia, passámos dias adoraveis, dias de poetica memoria. A que devia ser brilhante borboleta era ainda chrysalida. Chegou a primavera; o sol começou de aquecer a terra; as

flores miravam-se já nos orvalhos da madrugada; os passaros trinavam nas espessuras. A borboleta irrompeu e adejou alegre. Cuidei que ella quizesse seguir-me; mas assim que vio uma fenda aberta na janella, fugio, e foi-se a experimentar as azas na campina. E tanto voou, a louquinha, que caio no Vesuvio.

— No Vesuvio?

— Sim, no casamento prosaico; no casamento sem amor nem paixão. Não mais pode voar, a pobre. Desde então comecei a apostolar com eloquencia os amores aventureiros.

E Alfredo, que até então olhára para Violante, voltou-se para a baroneza, a qual sorriu, e mostrou os dentes alvos e agudos, como quem se preparára para morder com ancia o pouco paradisíaco, o povo de Eva.

Violante ficou um pouco pensativa, lembrando-se talvez da sua primavera, tão cheia de ledas esperanças. Parece que essas esperanças lhe entornaram n'alma o esquecimento do presente e de tal sorte se embrenhou na meditação, que não attentou no jogo de physiognomias dos seus companheiros.

A baroneza, reclinada na cadeira, em uma posição voluptuosa, a cinta um pouco dobrada, recalcando o tapete com o pézinho fremente, encrava, sem abaixar os olhos, com Alfredo. Este, ufano, risonho, ironico, contemplava a baroneza, e parecia todo attento e engolphado nos encantos irresistiveis, que ella entre-mostrava, no agitar do leque.

E de feito a baroneza estava esplendida. Era a encarnação viva da belleza physica, da belleza como a comprehenderam os gregos, esses grandes adoradores e cultores da plastica. Os contornos arredondados, boleados, como dizem os architectos estatuarios, a carnção poderosa, a pelle transparente, que mal encobria as veias azuladas, pelas quaes irrompia a flux a seiba sanguinea e vital, o pescoço elegante, posto que meão, adornado de um collar de perolas e ametistas, cujos brilhos combinados pareciam gerar uma chamma inconsutil e continua, os olhos, despedindo das profundezas uns raios sombrios, que se entranhavam no peito de Alfredo, tudo isto formava um conjuncto potente.

E Alfredo sorria, rendido a tanta formosura, e na sua mesma mudez admirativa, estava delatando eloquentemente a sua subjeição.

De vez em quando, porem, relanceava os olhos para Violante, typo igualmente formoso, mas dessa formosura moral, dessa formosura do sentimento, que vem da alma, como a poesia, e cinge a mulher de uma aureola luminosa.

Pensativa, olhando distraida em derredor, concentrada em si mesma, melancolica, quasi triste, um pouco acurvada, como se quizesse tomar o vôo, Violante parecia a mulher de character elevado e sentimental, que um dia, tocou o mundo com os pés acostumados ao ether, e taes desenganos soffreu, vio tanta miseria no desterro, que não mais acreditou nas alegrias terrestres, e to-

dos os dias acrisola a alma comparando as suas amorosas ideas com as paixões mundanas, em que tropeça a cada passo.

A vida dessas mulheres é uma lucta desesperada com os desenganos. Victimias da alma, soçobram no oceano encapellado.

Quem não vio, no alto mar, um desses bateis airoso, lindos, aleyones arquejantes, galgando por sobre as ondas, que suspiram e o embalam nos seios, como mães carinhosas.

Lá dentro é tudo festa e alegria.

E o batel voga impellido pela brisa suave e perfumada, e o sol mergulha nas ondas e retinge o horizonte com as suas cores rúbridas e resplandecentes. A esperança adeja fagueira nesses momentos abençoados; atraz o posto, o abrigo e o carinho; adiante e aos lados a amplidão socegada, placida, serena; por cima o ceo, as choreas dos anjos e as estrellas; e se por baixo rugem o abysmo e os demonios ameaçam a Deus com os braços descarnados e hirtos, sorriem no firmamento a Virgem e o anjo tutelar.

São passados dias: já se não avistam os rochedos da praia nem os pharoes do porto. Por toda a parte a amplidão com os seus mysterios. O batel inclina-se, como se quizesse interrogar o abysmo. As ondas espreguicam-se e roçam-no de leve. De repente cessa a brisa, as velas caem hirtas e ficam pendentes como um sudario. Impera a monotonia; a vaga que aqui se alevanta é igual á que além correu. Passam horas e horas e tudo fica inalteravel. A natureza adormeceu. As nuvens formam uma cupola fixa e immudavel. E os dias succedem-se, e sempre os mesmos. Parece que o fatalismo reina ali. A vida é um tormento, porque é a fixidez da morte. Mas eis que a brisa começa de soprar ao de leve; agita-se uma nuvemzinha tenue, vaporosa; como que se balouça, redomoinha logo, mais e mais; augmenta de velocidade, contorce-se, abala-se e intenta despegar-se da cupula; refende-se, vae largando pedaços pelo trajecto; parece trança desgriehada de uma feiticeira. Logo se abalam as outras nuvens, a confusão é horrivel; toldam-se os ares, sinistros vapores enluctam a atmosphaera, o turbilhão expande-se omnipotente, grandioso e enche os espaços. O vento geme e solta de quando em quando umas lufadas ameaçadoras e sibillantes; as ondas erguem o dorso immenso e arremettem furibundas como legiões de demonios ebrios; a natureza abre os seios, e num derradeiro esforço de agonia, vomita golphadas de fogo, serpentes igneas, que a requeimavam, e que, arrojadas aos infinitos negrimes, envergonhadas da propria luz, entranham-se pelas trevas, deixando um sulco de destruição. Range a terra; ouvem-se sinistros ruidos; nos ares, nas ondas, no vento, nas poeiras que sulcam a amplidão e correm desvairadas, em toda a parte se alevanta um queixume de terror, um gemido de afflicção, um estertor de victimias, e todos estes lamentos, todas estas notas funebres accumulam-se sobre o batel, cercam-no, como um circulo de ameaças, cobrem-no como um nimbo de

maldições, e são a cantilena horrível, que a natureza entoa na morte do naufrago. Porque o batedel, acocado pela tormenta rugidora, assaltado sósinho no mar, pelas ondas que se empinam, e galgam como tigres, pelo mastarço, range e offerece o ambito ao inimigo. E, passado pouco, impellido pela extrema rajada, que se repercute, como uma gargalhada do destino, desmembra-se e afunda-se.

Depois, passada a enorme convulsão, a natureza resurge leda e risonha do chaos, a brisa soluça melancolica, as ondas beijam-se amorosas, e o sol rebrilha no firmamento.

Tal é a vida dessas mulheres, cheias de poesia e sentimento.

E Violante pensava assim. Passára já as duas primeiras quadras. Virgem, tudo lhe sorria esperanças; no thalamo encontrára a indiferença; fustigá-a-hia ainda o latego da tormenta? Teria de naufragar?

Estes eram os pensamentos que lhe acudiam á mente e a tornavam, havia tempos, tão triste e melancolica.

E emtanto que se engolphava nestas meditações, Alfredo, aquelle seu ideal, que ella não julgou merecer, estava em intimo colloquio com a baroneza, e quasi lhe descarrega á queima-roupa uma declaração fulminante, uma dessas declarações que nascem de um coração plethorico de ternuras.

A baroneza, cujo peito era uma especie de tonel das Danaidas, seja dito em bom sentido, saboreou aquella declaração como uma discipula de Epicuro, sorveu-a, como a rosa luxuriante sorve o orvalho da madrugada.

Subio afinal o panno. A musica de Rossini começou a expandir-se, tímida, receiosa, como um effluvio de saudades, na celebre aria do Salgueiro, toda impregnada de nativas harmonias e presagios funestos.

A Borghi, rainha do palco, era a expressão sentida dessa Desdemona, que vive pelo amor, cujo passado é uma recordação de amor, e cuja morte será por amor tambem.

Que suprema melancolia, que saudade estremeçada naquella aria tão singela, aquella quasi melopea, anelo de uma alma candida e innocente, que, receiosa do futuro, volve-se para o passado, e chora sem saber porque!

— Desdemona, ai! tu não podes existir na terra; és uma sombra, uma chimera, disse afinal Violante, que seguia anciosa o canto.

— Porque, prima? perguntou Alfredo.

— Porque se ella existisse, todas as mulheres seriam demonios, e todos os homens Othellos.

— Tem razão, prima. Felizmente as Desdemonas não existem, e sem ellas não ha Othellos. Tem razão. Logo, nos paroxismos dum ciúme louco, o mouro apunhala a amante. Na tragedia de Shakspeare o punhal é o travesseiro, o grito é abafado, e a morte é a asphixia, porque tudo isto é um drama intimo. No tempo de hoje, em que as Desdemonas estão muito abaixo da criação do grande tragico, os Othellos ainda se vingam, e a morte é

tambem na alcova. Mas a asphixia é somente moral, e o amante que se julga trahido, entrega a sua Desdemona, não nos braços da morte, e ás mãos do coveiro, mas sim ás mil linguas do escandalo.

— Oh! Isso é horriyel, ciciou a viscondessa olhando aterrada e supplice para Alfredo, que fizera um gesto ameaçador.

— As vezes a tragedia acaba por umas parecencas com as Bôdas de Figaro, e tudo fica em paz, *sauf la médiance*.

— Que importa! se a felicidade ninguem a levou, respondeu a baroneza ao sorriso provocador de Alfredo.

(Continúa)

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

VINGA-TE!

*Como dama que foi do incauto amante
Em amorosos brincos maltratada...*

CAMÕES.

I

E queixas-te, porque ousei
tocar no vedado pomo,
furtando-te um beijo — como
se o amor tivesse lei!

II

Não foi culpa, mas emfim
eu sei o que são mulheres:
queres o teu beijo... queres
que t'o restitua... sim?

III

Não queres?!... Não basta só
que o beijo te restitua?!
Cruel! ¿e vontade tua
vingar-te de mim sem dó?

IV

Paciencia! Vinga-te pois,
vinga-te pois sem tardança...
não demores a vingança...
furtei-te um? furta-me dois.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

O amor é uma gota celeste que a providencia verteu no calix da vida, para lhe corrigir o amargor.

R. DE BASTOS.

Quem pelo discurso humano presume esquadriñar os juizos divinos, sonda o mar com hua boya: J quem ao juizo divino pretende encobrir os discursos humanos, tapa o sol com um vidro. Porque para a profundeza de seus conselhos, toda a nossa consideração é leve: J para os rayos da sua vista, todo o nosso coração é transparente. Vidro chamey ao coração humano: ainda mal que se lhe parece em muytas propriedades; porque só he para os olhos divinos patente, mas tambem para a impressão de seus avisos duro, j para os golpes do seu castigo, fragil: *In flagellis tuis infirmitos nostra teritur, j iviquitos non mutatur: mens egratorquetur, j servix non fleciitur.*

MANUEL BERNARDES